



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA

Grupo Pedro Demo

Carlos Tadeu Xavier Nunes
Esther de Paula Ribeiro da Silva
Inês Silva Silveira Cangussu
Marli Ribeiro Porto Coutinho
Osmar Teixeira dos Santos
Renata Fernanda de Souza Santos
Suzamara Souza Santos



Revista Científica de Educação a Distância

UNIMES  VIRTUAL

Edição Especial – Nov.2013 - ISSN 1982-6109

A prática avaliativa dos professores: excludente ou diagnóstica?

SANTOS
2013



Grupo Pedro Demo

Carlos Tadeu Xavier Nunes
Esther de Paula Ribeiro da Silva
Inês Silva Silveira Cangussu
Marli Ribeiro Porto Coutinho
Osmar Teixeira dos Santos
Renata Fernanda de Souza Santos
Suzamara Souza Santos

A prática avaliativa dos professores: excludente ou diagnóstica?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Marcia Mariani Guirardi.

SANTOS
2013



Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a Deus, quem nos dá força para começar e terminar as nossas tarefas. Sem Ele somos incapazes de qualquer realização. Aos nossos familiares: pais, esposos (as), filhos e filhas. A todos aqueles que acreditaram na nossa capacidade de vencer. À Maria Márcia Mariani Guirardi, professora orientadora deste trabalho de Conclusão de Curso. A todos os colegas do curso, mesmo que estando distante, pareciam tão juntos.



[...] avaliar é criar. Só por seu intermédio existe valor. E sem avaliação o âmago da existência seria vazio. Ouvistes vós que criais?

Nietzsche



RESUMO

Este trabalho objetiva promover uma reflexão entre educadores e educandos, de como podemos perceber e contribuir para um redirecionamento da prática educativa, sobretudo no que se refere à avaliação enquanto ato investigativo do conhecimento. Oportuniza a reflexão sobre a práxis avaliativa dos professores; discute a importância dos métodos e as práticas avaliativas utilizadas pelos docentes no processo de construção do conhecimento, sinalizando caminhos para superação de uma prática tradicional. ***Amparada numa revisão bibliográfica e fundamentada nos teóricos:*** Perrenoud (1998), Luckesi (1998), Hoffmann (1991, 1999, 2001) e Vasconcelos (1995, 1998), ***propõe aos docentes que façam uso da avaliação diagnóstica por esta possibilitar um diálogo entre educandos e educadores, permitindo uma intervenção mediante resultados alcançados. Sugere, ainda, que a discussão sobre a avaliação educacional seja constante na vida do educador, pois frente ao ato avaliativo a reflexão sobre a ação é indispensável.***

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação da aprendizagem, processo ensino-aprendizagem, prática avaliativa, construção do conhecimento.

ABSTRACT

This work aims to promote reflection among educators and students, how we can understand and contribute to a redirect of educational practice, in particular as regards the assessment while investigative Act of knowledge? An reflection on the evaluative practice of teachers; discusses the importance of evaluative methods and practices used by teachers in the process of knowledge construction, signaling paths to overcoming a traditional practice. Bolstered in a literature review and based on the theory: Perrenoud (1998), Luckesi (1998), Hoffmann (1991, 1999, 2001) and Valencia (1995.1998), it is proposed to teachers making use of diagnostic evaluation by this enable a dialogue between students and educators, allowing an intervention through results achieved. Suggests that the discussion on the educational evaluation is constant in the educator's life, because the evaluation Act consideration of the action is indispensable.

Keywords: Evaluation of learning, teaching-learning process, evaluative practice, knowledge construction.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 DESENVOLVIMENTO	11
2.1 A AVALIAÇÃO ENQUANTO ATO INVESTIGATIVO DO CONHECIMENTO.....	14
2.1.2 INSTRUMENTOS AVALIATIVOS: O ALUNO COMO SUJEITO DO PROCESSO.....	17
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21



1 INTRODUÇÃO

Sem a pretensão discorrer sobre todas as acepções que envolvem a “Avaliação Educacional”, este artigo que ora apresentamos trata de uma pesquisa que oportuniza debates acerca da prática avaliativa, sobretudo no que se refere à avaliação excludente e à avaliação diagnóstica. Dessa forma, temos como tema a Avaliação Educacional, especificamente, “a práxis avaliativa dos professores: excludente ou diagnóstica?”.

A educação como processo de reconstrução do homem realiza-se promovendo um estado de desequilíbrio capaz de desconstruir conceitos há muito tempo enraizados. Nesse sentido, a avaliação educacional compreendida apenas para mensurar medidas, notas e/ou conceitos configurou-se em nossa trajetória como algo que nos preocupava.

Problematizar a avaliação educacional não é nada fácil. Apesar de ser um tema bastante relevante nas discussões pedagógicas das instituições de ensino, ainda apresenta matizes que devem ser pesquisados e discutidos.

Embora muito se discutisse acerca da avaliação educacional, na atualidade, é comum encontramos alunos sendo avaliados apenas em função das notas e/ou conceitos, alcançados em atividades avaliativas, especialmente testes e provas escritas, demonstrando resquícios de outrora. Não são considerados o processo de aquisição do conhecimento e o desenvolvimento do aluno, em face do objeto do conhecimento, e sua complexidade, apenas é levada em conta o produto final, definido pelos termos promovido ou retido.

Diante desse quadro, a escola vem sendo questionada acirradamente, sobretudo no que diz respeito sobre as formas de se avaliar: o desempenho do aluno no processo ensino/aprendizagem contempla uma avaliação contínua e cumulativa, predominando os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, sem desconsiderar todo o processo de aprendizagem ao longo do período?

Dessa forma, como podemos perceber e contribuir para uma prática avaliativa que privilegie o ato investigativo do conhecimento?

Sob essa ótica é que lançamos um olhar mais profundo acerca da práxis avaliativa dos docentes, visto que o processo avaliativo ainda apresenta-se como instrumento excludente e opressor.

Ainda é comum vivenciarmos essas práticas avaliativas desumanas e excludentes e por isso reivindicamos a reflexão acerca das práticas avaliativas dentro do espaço da escola.

Assim sendo, nessa dialética de reconstrução do conhecimento, a busca por uma educação de qualidade que prime por práticas avaliativas emancipatórias, capazes



de formar para a cidadania, recebe um caráter prioritário, pois a avaliação deve funcionar não como instrumento de julgamentos e torturas, mas como um ato crítico, capaz de diagnosticar para transformar e redirecionar as ações pedagógicas.

Diante da relevância e seriedade do tema, essa pesquisa almeja fornecer aos educadores e educandos elementos que possibilitem uma reflexão acerca da prática avaliativa dos professores durante o processo ensino-aprendizagem.

Oportuniza, também, a reflexão mediante a finalidade da avaliação da aprendizagem, sobretudo sobre a práxis avaliativa dos professores, tendo a consciência de que a avaliação é um processo permanente e parte integrante do processo ensino/aprendizagem, proporcionar aos docentes a conscientização de que a avaliação para classificar é errônea (tradicional) e contribui para a exclusão do processo educacional, discutir os métodos avaliativos utilizados pelos docentes no processo ensino/aprendizagem. Discorrer sobre as práticas avaliativas desenvolvidas na sala de aula, através da fundamentação teórica, apontar caminhos e/ou estratégias que proporcionem a superação do ato de avaliar numa visão tradicional, compreender a avaliação como um recurso principal interligado ao processo ensino/aprendizagem e oferecer subsídios teóricos aos docentes.

Para fins de análise, essa pesquisa traz um estudo bibliográfico para que levantássemos e discutíssemos teoricamente o desenvolvimento da práxis avaliativa dos professores, alicerçando-nos na concepção de autores que discutem a temática em questão.

Para compor o referencial teórico, escolhemos os seguintes autores: Perrenoud (1998), Luckesi (1998), Hoffmann (1991, 1999, 2001) e Vasconcelos (1995,1998).

Segundo Perrenoud (1998) é comum a predominância da memorização no ato de avaliar nas práticas tradicionais, dando com isso, maior ênfase a uma avaliação classificatória. Segundo o autor, tais práticas não contribuem para a formação cidadã do educando.

Luckesi (1998) traz uma abordagem crítica da avaliação da aprendizagem, demonstrando a importância de praticar a avaliação no dia a dia e com rigor metodológico, sendo necessário um bom planejamento para direcionar o processo educativo. O autor ainda discorre sobre a seleção de instrumentos avaliativos e estabelece critérios para julgamentos dos dados adquiridos pelo professor.

Segundo Hoffmann (1991, 1999, 2001), a dinâmica do ato avaliativo precisa ser compreendida como uma chance para percorrer as múltiplas etapas na construção do processo ensino-aprendizagem. Para isso, cabe ao professor oportunizar o aluno a



refletir sobre o seu papel nesse processo, deixando de ser um ser passivo para ser agente nessa construção.

Vasconcelos (1995, 1998), propõe mudanças das práticas avaliativas tradicionais, sugerindo novas metodologias de trabalho a fim de combatê-las. Ele analisa criticamente a importância maior que se dá à nota que a aprendizagem. Afirma ainda que a avaliação vista sobre esse ponto de vista deixa o aluno preso a memorização dos conteúdos a fim de se obter boas notas, desvalorizando as aprendizagens significativas.

Dessa forma, o presente artigo está organizado em uma introdução que aborda a temática da avaliação educacional, focando nas concepções teóricas sobre o tema em questão. Versa, no segundo momento, sobre o significado da avaliação enquanto ato investigativo do conhecimento e os instrumentos de avaliação. Nas considerações finais traz como sugestão a reflexão constante sobre a prática pedagógica como pressuposição para uma mudança significativa na práxis educativa.

2 DESENVOLVIMENTO

Iniciar um discurso sobre a avaliação requer um envolvimento na problemática e sentir-se um sujeito que participa, constrói e desconstrói conceitos.

Revisar a literatura sobre a avaliação escolar, nesse sentido, envolver-se e adentrar na complexidade do assunto, percebendo que a prática avaliativa do processo ensino/aprendizagem é, muitas vezes, repleto de métodos preconceituosos, sendo necessário a revisão da práxis avaliativa, a fim de se estabelecer um sentido verdadeiro interligando a avaliação ao processo ensino-aprendizagem.

A avaliação é um ato permanente na história do homem. Frequentemente, as pessoas exercem a prática avaliativa, avaliando a si mesmo e avaliando atitudes e comportamentos de outros. Avaliar implica fazer julgamentos, confrontar o planejado como obtido. Entretanto, percebe-se que na maioria das vezes, a avaliação da aprendizagem escolar é utilizada de forma equivocada, relacionada apenas com a aplicação de testes e provas, transformando-a numa prática tradicional, oportunizando o aluno a ser passivo e receptivo e não o autor da reconstrução do seu próprio conhecimento.

Como sabemos toda ação predispõe uma reflexão. Assim, o ato de avaliar, na sua complexidade, abrange as mais diversas áreas do conhecimento científico e popular, pois utiliza dela para detectar o resultado de uma ação previamente realizada.

No contexto educacional é dado maior ênfase à avaliação da aprendizagem. Possivelmente isso ocorre porque educação formal sempre trouxe uma concepção de avaliação atrelada a padrões econômicos, políticos e sociais em cada momento histórico.



Desde a chegada dos jesuítas, o nosso modelo de educação é caracterizado pela incompatibilidade entre a prática e o ensino, refletindo diretamente na construção de um modelo educacional arcaico, muito questionado pela sociedade, principalmente no momento atual em que as referidas escolas estão muito aquém do grande avanço tecnológico e das novas exigências do mundo moderno.

Nesse sentido, o processo educativo vai acontecendo sem uma reflexão acerca da construção do conhecimento, como afirma Hoffmann (1995, p.69): “o processo educativo se desenvolve através momentos estanques, sem elos de continuidade, desconectados em termos de progressão na construção do conhecimento”.

Desse modo, a educação passa a sofrer porque mesmo que a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Lei 9694/96) oriente as práticas educativas nas instituições escolares, a distância entre o que ela diz e o que é vivenciado em muitas escolas impede a obtenção de resultados positivos no que diz respeito à educação para a cidadania.

São muitas as discussões envolvendo a avaliação no processo ensino-aprendizagem, direcionando-a a um modelo excludente servindo apenas pra medir, julgar, classificar são ainda hoje presentes no contexto escolar. Essa necessidade de discussão é muito positiva, visto que a avaliação está muito mais voltada a uma práxis de reprovação, separando os “eleitos” dos “não eleitos” e promovendo com isso, a seletividade entre os educando.

A avaliação quando passa a ser compendiada como um recurso controlador na sala de aula apresenta com isso resquício de uma avaliação excludente, autoritária, sendo, portanto, legado da pedagogia tradicional, que pretendia manter o sistema social inabalável. E não há como negar que esse conceito de avaliação da aprendizagem sendo bastante utilizado nos ambientes escolares, ocasionando um desconforto, uma insatisfação geral daqueles envolvidos no processo que desejam uma educação de qualidade.

Mesmo diante de propostas eficazes de mudanças, alguns docentes insistem em manter a mesma postura tradicional, negando o novo, a possibilidade de transformação. Percebe-se que mesmo com as mudanças tendo chegado às escolas, ainda não altera a prática pedagógica, pois, tais práticas continuam arcaicas e tradicionais.

O reflexo dessa mobilidade ou estagnação acaba se instalando no processo avaliativo da escola. Quando o professor é obrigado a mudar ele acaba fazendo um trabalho descompromissado em que a nota é o único objetivo, deixando de existir a reflexão sobre a ação.

Desse modo, faz-se urgente uma tomada de consciência dos docentes e discentes a fim de modificar o ato de avaliar num processo prazeroso de aquisição do conhecimento, embora não podemos considerar tal ato como sendo o mais importante



no processo de ensino-aprendizagem. É preciso que seja compreendido como um instrumento de reflexão, sendo, portanto, responsabilidade de todos que compõem a equipe pedagógica da unidade escolar, ou seja, uma prática coletiva. Assim, a avaliação deixa exercer um papel tradicional, passando a ser libertadora, proporcionando um ensino de qualidade aos alunos e sendo capaz de transformá-los em indivíduos críticos e reflexivos.

É importante que a avaliação da aprendizagem supere essa prática tradicional na forma como vem sendo desenvolvida. A superação dessa lógica excludente requer estudos, pesquisas e compromisso político para transformação dessa ação. Esses elementos, sobretudo no ensino fundamental, abrem espaços reflexivos capazes de redirecionar os rumos da educação. Para tanto, torna-se importante compreender a avaliação como sendo necessária à educação. “Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento e reflexão sobre a ação” (HOFFMANN, 1995, p.17).

Para isso, é imprescindível a criação de situações problematizadoras que desafiem o aluno a aprender. O aluno, mesmo que esteja na classe por obrigação, sem demonstrar vontade de aprender, pode ter essa vontade estimulada quando o educador problematiza, instiga, respeita o conhecimento que ele traz para a escola e procura trabalhar de forma contextualizada. Além disso, o docente pode fazer uso de dinâmicas diferenciadas, explorando as capacidades e habilidades dos estudantes.

Vale ressaltar também, a importância do educador promover espaços para a vivência de relacionamentos interpessoais com a turma, estimulando principalmente a autoestima de seus alunos.

Nesse sentido, é imprescindível ao educador conhecer seus educandos, suas habilidades, seu ritmo de aprendizagem, pois é dessa consciência por parte do docente, de sua forma de interagir com as diferentes circunstâncias, que será demonstrada a sua concepção filosófica de trabalho e os fundamentos da sua prática educativa. Cada um apreende o conhecimento de forma particular, individual e a construção do saber não depende estritamente do professor, mas do contato que cada indivíduo faz com o conhecimento.

Na realidade o processo de aprendizagem não está muito desvinculado do processo da “ensinagem”, no qual o professor é o centro e responsável pelo ensino. Nessa perspectiva, a educação oferecida não foge muito da educação bancária, em que o saber é doado pelos sábios àqueles que pouco ou nada sabem.

Infelizmente, essa prática ainda é observada no ato avaliativo, sendo que na maioria das vezes é tida como momento estanque do processo. As provas e/ou testes escritos com a função de decoreba, prioriza mais a memorização em detrimento da reflexão, reproduzem esse fazer educativo. Segundo Vasconcelos (2000, p.66) “isso acaba levando a distorções na relação ensino-aprendizagem, uma vez que o aluno é



obrigado a decorar, ao invés de se preocupar em aprender”. Desse modo, é importante que o professor promova momentos reflexivos envolvendo a participação dos alunos e avaliá-los de maneira compatível entre o plano de trabalho e o que é avaliado. Enfim, a avaliação deve ser também um momento de construção/reconstrução de conhecimento.

2.1. A avaliação enquanto ato investigativo do conhecimento

Como tornar a avaliação uma prática investigativa do conhecimento? Avaliar é uma atividade intrínseca ao ser humano, por conseguinte, sempre estamos praticando a avaliação a fim de nos posicionarmos diante das decisões que precisam ser tomadas em nossa existência. Para Hoffmann (2001, p.10)

A avaliação é substancialmente reflexão, capacidade única e exclusiva do ser humano, de pensar sobre seus atos, de analisá-los, julgá-los, interagindo com o mundo e com os outros, influenciando e sofrendo influências sobre seu pensar em seu agir.

São inúmeras as discussões acerca de métodos e fórmulas avaliativas para torná-las eficientes. Porém, ainda é comum que alunos/as e até mesmo professores/as compreendam a avaliação como Entretanto, não há como negar que a avaliação na concepção dos alunos e até de professores é cansativa e sem sentido, servindo apenas para atribuir notas. Dessa forma, Hoffmann (1995) afirma que,

O professor cumpre penosamente uma exigência burocrática e o aluno, por sua vez, sofre o processo avaliativo. Ambos perdem nesse momento e descaracterizam a avaliação de seu sentido básico de investigação e dinamização do processo do conhecimento (HOFFMANN, 1995, p.19).

O que resta, então, esse quadro lastimável é um descrédito geral que induz às práticas tradicionais, descomprometidas socialmente de ‘formar’ para a cidadania. Tais práticas como nos lembra Perrenoud (1999, p.18) “[...] empobrece as aprendizagens e induz, nos professores, didáticas conservadoras e, nos alunos, estratégias utilitaristas”, por meio do “decoreba” ou do instrumento da “cola”. Nesse contexto em que o processo da avaliação é visto mais como instrumento de classificação do que de diagnóstico, cabe ao professor manter ou não essa realidade.

Faz-se necessário a compreensão da avaliação como sendo um ato investigativo do conhecimento e não como momento avaliativo estanque. Dessa forma, é preciso um planejamento bem elaborado, com objetivos claros que possam nortear o processo educativo. Sendo, com isso, tarefa do docente, a seleção de instrumentos avaliativos diversificados e estabelecer critérios para julgamento dos dados adquiridos. Nesse contexto, a observação é de grande valia. Através da observação com registros



frequentes dos dados é possível realizar um bom acompanhamento do conhecimento que o aluno vem construindo em seu determinado curso. Além disso, existem outros instrumentos avaliativos com o debate, o seminário, o relatório individual que podem contribuir para que o docente identifique os problemas e as dificuldades diante os resultados obtidos pelos alunos. Para isso, os instrumentos avaliativos não podem ser usados de forma aleatória, mas sim, que sejam bem planejados e usados com Para tanto, é preciso que os instrumentos não sejam usados aleatoriamente, mas sejam adequados, bem preparados e utilizados com discernimento e rigor técnico (LUCKESI, 2002). Porém, mais importante que os instrumentos utilizados é o uso que o educador faz os dados coletados, pois são eles que possibilitam ao professor repensar todo o processo educativo, suprir as deficiências e aprimorar o processo ensino-aprendizagem .

Normalmente, a avaliação é classificada em três modalidades: a avaliação diagnóstica, a formativa e cumulativa. A primeira aponta os avanços e dificuldades, permitindo investigar como o educando se encontra diante das novas aprendizagens, promovendo interferências com o intuito de reorientar as práticas pedagógicas. Este tipo de avaliação tem como função dar a qualificação do educando e não a sua classificação; seu papel é diagnosticar ao invés de sentenciar. Diferente da avaliação formativa que visa um acompanhamento de todo o processo de construção da aprendizagem, possibilitando ao aluno a aprendizagem de ser ele mesmo o sujeito do próprio conhecimento.

Essa classificação desencadeia um processo inverso no ato de avaliar, pois ela não permite o acompanhamento do desenvolvimento do aluno de forma consciente, mas reforça que o conhecimento pode ser traduzido e contabilizado apene o numericamente e que o papel da educação é preparar, indicar e selecionar os melhores para os melhores postos de trabalho. Também, é importante ressaltar que além de julgar os aspectos cognitivos de forma parcial inadequada, a escola muitas vezes, também usa as notas para controlar a indisciplina dos alunos e enquadrá-los em regras e normas compreendidas como inadequadas, revelando-se numa deficiência de ponderação sobre o significado da avaliação. Foge-se então à essência do ato de avaliar.

Desse modo, a avaliação somativa modifica todo procedimento avaliativo num ato mecanicista. Este, voltado para a valorização dos resultados concretizadas nas notas, produz um modelo excludente de educação uma vez que o aluno ideal é aquele que está sempre tirando as maiores notas, enquanto que os que não as conseguem são considerados “burros” ou “fracassados”.

Diante desse ponto de vista, o processo avaliativo reafirma a importância da valorização dos resultados concretizados nas notas, produz um modelo excludente de educação uma vez que “o aluno ideal” (definido subjetivamente pelo professor) é o

aluno nota 10, e aqueles que não conseguem obter notas “excelentes” são considerados como os piores da classe.

Por outro lado, existe também a possibilidade de efetuar uma avaliação distinta, que emancipe o aluno, valorizando o espaço de aprendizagem sem desconsiderar o processo de ensino e aprendizagem. Esse tipo de avaliação configura-se como o mapeamento na qual detecta os progressos e as dificuldades no desenvolvimento de todo o alunado. Dessa forma, ela tem um caráter investigativo e processual, deixando de estar a mercê da nota para estar a serviço de uma educação que promova o acesso ao conhecimento.

Diante desse aspecto, a avaliação diagnóstica e a formativa são fundamentais para uma avaliação que aspirem à intervenção no processo educativo. Nessa linha de pensamento Luckesi (2002, p.35) afirma que,

Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrario, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a auto que autonomia, do crescimento para a competência etc.

Convém, no entanto, que se estabeleça uma relação democrática e confiabilidade entre docentes e discentes para que o estudante tenha consciência de suas dificuldades e avanços. Enquanto que para o docente, a avaliação diagnóstica o ajudará na condução e na recondução no processo.

2.1.2 Instrumentos avaliativos: o aluno como sujeito do processo

Diante desse quadro acelerado de transformações de valores, a escola vem sendo questionada acirradamente, sobretudo no que diz respeito às formas de se avaliar. No âmbito das políticas públicas educacionais, a avaliação tem sido expressa nas propostas oficiais e nas experiências contemporâneas, com a necessidade de abandonar a ideia classificatória, passando a ser eficiente, ética e compromissada com o processo ensino-aprendizagem e a formação para a cidadania de todos os alunos.

Todo processo avaliativo, nesse sentido, deve consistir na participação do aluno e não mais na aniquilação de sua autoestima pelo professor. Assim, tanto o educador quanto o aluno compartilham os conhecimentos prévios que possuem sobre o conteúdo que será dado, cabendo ao professor mediar o conhecimento inicial do discente para estimulá-lo na construção de novos conhecimentos mais sistematizados.

Nessa abrangência do processo ensino-aprendizagem, a avaliação permite ao aluno reconstruir o objeto do conhecimento a partir de suas próprias descobertas, das suas tentativas, dos seus erros e acerto. Nesse aspecto, cabe ao professor oportunizar



o aluno a refletir e descobrir como foi que cometeu o erro para posteriormente melhorar e avançar nos seus conceitos.

Ao buscar um novo entendimento de avaliação do processo ensino-aprendizagem, o diferencial é o objetivo com que se realiza a avaliação. Os instrumentos e as estratégias utilizados pelo professor para avaliar o processo ensino-aprendizagem não se resumem somente em instrumentos que selecionem e classifiquem, mas que possibilitem o acompanhamento do processo de aquisição do saber por parte do aluno. Por isso, os variados instrumentos avaliativos devem ser revistos porque são eles que orientam a ação do professor e a dinâmica da sala de aula.

No decorrer da revisão bibliográfica detectamos durante os estudos bibliográficos, percebemos que os percalços para a garantia da melhoria do ensino brasileiro vão muito além do ponto de vista financeiro e técnico, perpassando, sobretudo no plano político. No projeto político pedagógico da escola, deve ter claramente definido uma proposta de avaliação democrática, fundamentada no diálogo e na participação coletiva.

O profissional pesquisador surge nesse contexto como aquele capaz de desconstruir os mecanismos tradicionais que abarcam a educação, através da sua prática e/ou da formação profissional.

A revisão bibliográfica para esta pesquisa proporcionou ao grupo momentos de reflexão a fim de se obter uma melhor compreensão do ato avaliativo mediante o processo ensino-aprendizagem, embora ainda se encontre nas escolas professores que utilizam a avaliação com o intuito promover a exclusão de alunos, através da aplicabilidade de exames durante o processo ensino-aprendizagem. Todavia, é preciso desenvolver nesses professores a consciência de que a finalidade da avaliação é o de diagnosticar as deficiências e apontar caminhos para superá-las. Vale ressaltar, também, a necessidade propor momentos de discussões com a participação dos alunos para que apresentem sugestões e juntamente com o professor, estabeleçam um novo olhar sobre o processo avaliativo.

É vital considerar, então, a avaliação como um processo interativo, através do qual, educadores e educandos aprendam sobre si mesmos. A reflexão sobre o desempenho é mais rica quando realizada por todos os envolvidos. Talvez, dessa interação e troca de saberes entre os que compõem o universo da escola é que poderemos finalmente ver o respeito permear as relações de aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão englobando a temática da avaliação é sem dúvida algo que instiga e incomoda muitos educadores, uma vez que tarefa de avaliar é sobremaneira relevante para direcionar a prática educativa. Mas não se pode esquecer que ao refletir sobre os



processos avaliativos, o professor formula juízos de valores e assume compromissos éticos e políticos, uma vez que nenhuma ação educativa é totalmente neutra.

Diante da questão norteadora de como podemos perceber e contribuir para um redirecionamento da prática educativa, sobretudo no que se refere à avaliação enquanto ato investigativo do conhecimento é preciso compreender que aprender não é simplesmente memorizar, codificar conceitos ou memorizar ideias. O processo de aprendizagem se dá pela construção, reconstrução e apreensão do conhecimento num ambiente de aprendência e estimulador, respeitando o tempo, os limites e as necessidades de cada aluno.

Desse modo, a prática educativa tem suporte na avaliação da aprendizagem, visto que ela é um processo interativo entre alunos e professores nas relações de aprendizagem.

A responsabilidade social e política que o professor tem, sobretudo no trato com a avaliação é algo que constantemente deve ser refletido. O educador deve ter consciência de que avaliar não é somente realizar provas e atribuir notas. A práxis avaliativa vai muito, além disso. Ela ultrapassa as cercas opressoras da prova punitiva, do castigo pessoal e da prepotência de quem supostamente detém o poder de julgar, para dar espaço ao momento do diagnóstico, da palavra de incentivo, da manifestação de interesse em redirecionar não somente o fazer do educando, mas também o do educador. Nesse sentido, avaliar não é algo fácil. Tão pouco é uma receita que se pode distribuir para se obter o aluno ideal.

A avaliação em todos os níveis do ensino enfrenta inúmeras distorções. Ainda acredita-se que o objetivo do ensino e conseqüentemente da prática avaliativa seja apenas transmitir conteúdos e julgá-los como pré-requisito para inserção na série/ano subsequente. A capacidade de pensar sobre o mundo que cerca o aluno, de inferir sobre os conhecimentos agregados, sobre a criatividade e a afetividade e, sobre a sua própria prática são fundamentos necessários oportunizar um aluno crítico e consciente de seu papel na sociedade.

A discussão em torno de métodos avaliativos utilizados, ainda hoje, revela que o ato de avaliar tem as mesmas distorções que os de outrora. A ênfase na prova é muito acentuada, e muitas vezes não há coerência com o que foi efetivamente realizado na sala de aula e a avaliação proposta. Os instrumentos avaliativos como a pesquisa, a observação, as fichas de acompanhamento, relatórios e a autoavaliação, são poucos empregados pelos professores, e quando usados ainda tem caráter apenas somatório.

É preciso que os educadores desamarrem as algemas do comodismo, do tradicionalismo, do autoritarismo, e reflitam sobre as concepções, as práticas avaliativas e comecem a desejar uma educação que prime pela qualidade e pelo respeito ao ser humano, modificando suas posturas, transformando suas práxis, sendo agentes



importantes no processo ensino-aprendizagem e conscientes do seu papel transformador nesse processo.

Quanto ao educando, é preciso que deixe de ser submisso e omissos nas discussões concernentes ao seu processo educativo. A educação carece de alunos questionadores, críticos, analíticos.

Cabe, portanto, as escolas trabalharem numa proposta de avaliação que valorize todo o processo de construção do conhecimento, permitindo aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências construídas e reconstruídas no dia a dia; que façam uso da avaliação diagnóstica detectando as deficiências e propondo mecanismos de superação.

Nesse aspecto, os desafios estão alvitados, cabendo ao educador e educando, a responsabilidade de transformar a realidade da avaliação em um segmento importante e prazeroso. As mudanças necessárias para que isso ocorra depende do compromisso, do interesse e do comprometimento de cada um desses agentes do processo quanto à sua prática adotada em sala de aula, ao seu papel como cidadão construtor de uma sociedade menos excludente e com melhores condições de vida.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96**. Brasília: 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, Mito & Desafio**. Uma perspectiva construtivista. 17. ed. Porto Alegre: Educação e realidade, 1995.

_____. **Avaliar para promover – as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2002

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas** (Trad.) Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção Dialética- Libertadora do processo de Avaliação Escolar**, Cadernos Pedagógicos do Libertad, v.3. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2000.